

Um Conto Pirata



ALINE GALEOTE

um conto derivado de
PROMESSAS
de uma **VIDA**

Aline Galeote

Um
Conto Pirata



2018

Copyright © 2018 Aline Galeote

Este conto é um complemento de **Promessas de Uma Vida** distribuído de forma gratuita como material de divulgação. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a autorização prévia da autora.

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Aline Galeote (sobre a imagem de Canva.com)

ILUSTRAÇÕES

Designed by Freepik

*Para todas as Mariahs
que me inspiram diariamente
a oferecer o melhor de mim*



*Lincolnshire, 1797 – Propriedade do Conde de
Harrington*

Rees se dirigiu à cozinha para repassar as instruções da Sra. Huxley para o jantar. Caminhava como alguém acostumado a executar a mesma tarefa todos os dias. Exibia uma expressão apática em seu rosto que começava a apresentar os impiedosos sinais do tempo. Ocupava a posição de mordomo na propriedade de Lorde Harrington há quatorze anos, desde que seu pai falecera repentinamente enquanto dormia. Sua família servia aos Montrose há pelo menos seis gerações.

A opinião da criadagem sobre o atual conde variava entre arrogante, impiedoso e intransigível. Se alguém alguma vez utilizara uma palavra positiva para descrevê-lo, Rees desconhecia. Fora testemunha do modo cruel com que Sua Senhoria tratara a falecida esposa, mantendo-a trancafiada e afastada do convívio de seu único filho. Sob suas ordens, Rees a mantivera isolada em uma das alas da casa e fora obrigado a confiscar sua correspondência pessoal. Era um passado vergonhoso do qual tentava se esconder. Ao menos o confortava ter atuado como um facilitador na fuga repentina e desesperada da condessa.

Um Conto Pirata

Na noite em questão, Rees se encontrava em um dos corredores do primeiro andar certificando-se de que os criados não haviam deixado nenhuma vela acesa. Da janela, avistou Lady Harrington com o segundo filho recém-nascido nos braços. Sua irmã, que chegara a tempo de assisti-la em sua recuperação após o nascimento da criança, caminhava ao seu lado carregando o que parecia ser um baú com os pertences de ambas. Enquanto observava as duas mulheres percorrerem a pé a longa distância que separava a casa dos portões da propriedade, Rees desejou – *de fato desejou* – que a condessa encontrasse a verdadeira felicidade longe da tirania de seu marido.

Ora! *Poderia* ter dado o alarme da fuga, não poderia? E tivera que lidar com o descontentamento de Lorde Harrington quando este tomara conhecimento de que sua esposa o havia abandonado sob sua vigilância. Não era o bastante para amenizar uma consciência culpada. Nada seria. Mas era o suficiente para que conseguisse conviver com as consequências de seus atos.

Livrando-se dos embaraçosos pensamentos sobre o passado, Rees se concentrou na atual incumbência que o aguardava. A cozinheira de Harrington Park ergueu os olhos da panela, segurando uma longa colher de madeira. Uma nuvem de vapor pairava sobre a cozinha, espalhando um aroma inconfundível de especiarias.

Um Conto Pirata

— O de sempre? — A mulher debruçada sobre uma panela de cobre indagou em um tom de voz desinteressado.

— Sim. — Foi a resposta monótona do mordomo enquanto a cozinheira voltava a atenção para o molho que borbulhava no calor das chamas.

Desde que a Sra. Huxley viera residir em Harrington Park, sendo guardiã do segundo filho do conde, que tentavam extrair alguma indicação do que esperava para o jantar. Mas a resposta era sempre a mesma: “*Não importa.*”

Era compreensível que apresentasse um comportamento melancólico quando não estava na presença do sobrinho. A Sra. Huxley atravessava um triste momento de luto. Lady Harrington falecera há quatro meses deixando para trás seu amado filho e uma irmã muito querida.

Os ouvidos de Rees captaram um som quase imperceptível vindo de uma das extremidades da cozinha. Um garotinho, de expressivos olhos azuis e cabelos castanhos, encolhia-se atrás da bancada enquanto sua mão tateava o ar à procura da bandeja de biscoitos. Rees não conseguiu disfarçar um sorriso, que foi logo substituído por uma mudança brusca em suas feições e sentimentos. Damian Montrose era uma criança solitária que estava aprendendo duramente a lidar com as emoções suscitadas pela perda de sua mãe.

Um Conto Pirata

Rees esperou que tivesse sucesso em seu intento de *roubar* um biscoito da bandeja para se virar e encará-lo. Os olhos de seu pequeno patrão arregalaram-se surpresos enquanto segurava um punhado de biscoitos em sua mão direita. Assustado, desviou o olhar para a cozinheira que continuava a trabalhar em seu molho de especiarias e então de volta a Rees.

O mordomo piscou um dos olhos na sua direção em um gesto de camaradagem, procurando ganhar sua confiança. Viu o momento exato em que as feições do garotinho se suavizaram. Um sorriso travesso surgiu em seus lábios enquanto saía da cozinha agachado, tentando escapar dos olhares da cozinheira.

No dia seguinte, após dar uma série de instruções ao jardineiro para que transplantasse as rosas para o canto sul do jardim, Rees reencontrou o jovem senhor sentado em um dos bancos do caramanchão de flores na parte traseira da casa. Seus pés balançavam ritmicamente no ar com a impaciência típica das crianças. Não tinha altura suficiente para que as pontas de sua bota tocassem o chão. Em suas mãos, trazia um barco feito de papel enquanto seu olhar carregava sentimentos de solidão e vulnerabilidade.

Uma suave brisa soprou através do campo aberto, carregando uma das flores amarelas que enfeitavam o caramanchão. Deslocou-se lentamente no ar até cair no banco de pedra ao lado da figura solitária do garotinho. Com a ponta do indicador ele a tocou. Um frágil sorriso

Um Conto Pirata

despontou em seus lábios enquanto esmiuçava as pétalas da flor.

Rees hesitou antes de decidir abordá-lo. Não tentou ocultar sua aproximação com passos lentos e silenciosos ou o teria assustado.

O segundo na linha de sucessão ao título de Conde de Harrington levantou os olhos e o encarou. As feições infantis e delicadas demonstraram acanhamento.

Rees sorriu de forma amigável e aguardou até que o menino fizesse o mesmo para se aproximar. Fez uma ligeira mesura na sua direção.

— Bom dia, *sir* — cumprimentou com uma voz aguda, bem diferente de seu tom habitual.

As lembranças — *Ah, as dolorosas lembranças!* — entraram sorrateiramente em seu pensamento. Recordou a figura magra e letárgica de Lady Harrington com lágrimas nos olhos enquanto se recusava a comer em sua prisão de ouro. Os olhos azuis do garoto eram da mesma tonalidade dos de seu pai. Porém, o formato ligeiramente amendoado era a imagem e semelhança dos olhos de sua mãe. Rees sentiu o peso esmagador da culpa o açoitarem sem piedade. Era menos do que merecia.

— Bom dia. — O cumprimento veio sussurrado. Os pequeninos dedos agarraram com força as laterais do barco de papel. As pétalas das flores jaziam ao seu lado no banco.

Um Conto Pirata

— Uma linda manhã, não concorda? — Rees manteve as mãos às costas enquanto erguia o olhar para o céu incomumente azul e ensolarado.

O garoto deu de ombros com uma aparência abatida. Rees inclinou-se na sua direção.

— É um barco de papel que tem nas mãos? — tentou uma pergunta diferente, expressando-se com entusiasmo.

— Sim. — A sombra de um sorriso apareceu nos lábios da criança, desaparecendo ao pronunciar as próximas palavras. — Tia Jane não quis visitar o lago esta manhã.

Rees empertigou o corpo e o observou em silêncio. Havia passado em frente à sala de visitas particular da família e ouvira o pranto angustiado da Sra. Huxley. Era mais um *daqueles* dias.

Uma nova flor amarela se desprende do caramanchão indo tocar o nariz do garoto, que o franziu ligeiramente antes de rir com alegria e apanhá-la entre as mãos. O barco de papel foi momentaneamente esquecido em seu colo.

— Mamãe está feliz hoje. — Ele sorriu para Rees e depositou a flor ao lado da outra.

Rees tentou esconder a expressão de espanto, mas aparentemente *Sir* Damian era mais observador do que imaginava. Viu o dar de ombros novamente.

— É a forma como mamãe se comunica — explicou encabulado, voltando a balançar os pés inquietos. — Através das flores e do vento. Lírios amarelos eram os

Um Conto Pirata

seus preferidos. Quando me sinto sozinho venho vê-la.

Uma umidade inconveniente surgiu nos olhos de Rees. Clareou a garganta antes de se dirigir ao filho do conde.

— Gosta de histórias de piratas? – perguntou, jogando outro olhar ao barco de papel.

Sir Damian concordou com um aceno.

— Certamente está familiarizado com a história de sua família e um famoso pirata dos sete mares.

Os olhos da criança brilharam enquanto sacudia a cabeça em uma negativa.

— Gostaria de ouvir a história?

— Por favor, Sr. Rees. – Em sua empolgação, Sir Damian se aproximou da beirada do banco, as pontas de suas botas finalmente tocaram o chão.

Rees sorriu consigo mesmo e pensou por um instante. Não deveria ser difícil contar uma história de pirata a uma criança. Buscou em sua memória algo que pudesse ajudá-lo, recordando as passagens secretas que existiam na casa ancestral da família Montrose. Provavelmente haviam sido construídas em uma época em que a ameaça de cercos a uma propriedade era inevitável.

— Há muito, muito tempo atrás, existia um pirata que assolava os sete mares. Diziam que era um homem impiedoso e que construiu sua fortuna pilhando os navios que ousaram atravessar seu caminho.

— Ele tinha uma barba? – Sir Damian o interrompeu.

Um Conto Pirata

— Oh, sim! Uma barba espessa e escura como o carvão. — Rees fez um gesto em seu queixo, puxando os dedos para baixo para demonstrar o tamanho da barba do pirata.

— Qual era o seu nome?

Foram necessários alguns segundos de reflexão para que chegasse a um nome convincente.

Que seu falecido pai o perdoasse!

— Edgar Grant — respondeu, acrescentando ao nome de batismo de seu pai o sobrenome do padeiro do vilarejo — O infame pirata se tornou amigo do primeiro Conde de Harrington, que concedeu parte de sua mansão para que guardasse seus tesouros.

Os lábios do menino se abriram e seus olhos se arregalaram de entusiasmo.

— Existem tesouros escondidos em Harrington Park?

— Seu olhar se desviou para a construção às costas de Rees.

Oh, bem! O que diria agora?

— Receio que os tesouros foram perdidos com o tempo. — A decepção tingiu as feições de Sir Damian. — Creio que ainda não mencionei os túneis secretos.

O interesse do garoto foi renovado como mágica.

— Túneis secretos?

Rees sorriu.

— O conde construiu passagens secretas para que Edgar Grant conseguisse transportar seus tesouros com segurança, caso precisasse escapar das autoridades.

Um Conto Pirata

— Seria possível... — Sir Damian começou e então desviou os olhos para suas botas, guardando as palavras não pronunciadas. Uma clara demonstração de que não queria se decepcionar uma vez mais.

— Gostaria de conhecer as passagens secretas? — Rees indagou, observando satisfeito o sorriso e a resposta positiva à sua pergunta.

Liderou o caminho até a galeria de retratos onde estava localizada uma das entradas para os túneis subterrâneos. Munido com uma lamparina, tateou a extensão da parede até encontrar uma minúscula alavanca, que puxou delicadamente. Empurrou a parede giratória com a força de seus ombros até surgir espaço suficiente para que os dois entrassem na passagem estreita.

— É mesmo verdade, Sr. Rees! — Sir Damian sorriu com toda sua ingenuidade de menino enquanto o mordomo espanava uma teia de aranha do caminho.

A passagem era fria, escura e poeirenta. Não conseguiram atravessá-la sem que alguns espirros e pigarros na garganta fossem ouvidos. Teria que pedir aos criados para que limpassem cuidadosamente o interior cavernoso. Suspeitava que as passagens se tornariam o principal atrativo da casa para o jovem patrão.

— Conte mais histórias sobre o pirata Edgar, Sr. Rees.

Um Conto Pirata

A voz entusiasmada do garoto tirou o mordomo de seus pensamentos sobre baldes de água e remoção de teias de aranha.

— Vejamos. — Considerou brevemente a questão enquanto atravessavam a passagem escura. — A fortuna de Edgar Grant tornou-se tão valiosa que despertou a fúria do rei e a cobiça de seus colegas de profissão. Diziam que tinha um estilo de combate implacável e que usava um sabre de oitenta centímetros preso a uma faixa de seda vermelha em sua cintura.

— Ele tinha um dente de ouro, Sr. Rees?

— Um dente de ouro, sim. E levava uma corrente de prata no pescoço, lembrança de sua querida Elise.

Deveria ser uma blasfêmia acrescentar a mulher que um dia amara a um conto de pirata. Rees preferiu encarar o fato como uma homenagem.

— Quem era Elise?

— Uma jovem atendente de taverna por quem Edgar caiu de amores — respondeu, atribuindo à homônima de sua amada uma profissão adequada à história que contava.

— Ela era bonita?

Rees sorriu, recordando os cachos macios e loiros de Elise e a covinha que aparecia em sua bochecha esquerda sempre que sorria. Havia partido cedo demais, levada por uma febre inesperada que carregara sua alegria e vontade de viver. Permanecera ao seu lado até o fim e seguiria sendo fiel à sua lembrança.

Um Conto Pirata

— Muito bonita. Seus olhos eram da cor da relva molhada após uma tempestade de verão — assegurou com a voz embargada por nostálgicos sentimentos. Limpou um pigarro inconveniente da garganta e prosseguiu com sua história de pirata. — Como eu dizia, Grant havia despertado a cobiça de seus colegas e a inveja de seus seguidores. Toda a fortuna que possuía não foi suficiente para livrá-lo de seu triste fim.

— O que aconteceu? — Sir Damian indagou com a voz preocupada.

— Seus seguidores o traíram. Grant foi capturado e morreu na forca por seus crimes. — Sua resposta provocou um silêncio reflexivo no garoto.

— Podemos procurar seu tesouro. O que acha, Sr. Rees? — tornou a ouvir sua voz.

— A ganância não é recompensadora — respondeu com severidade. — Ainda resta uma parte da história de Edgar Grant a ser contada. O terceiro Conde de Harrington ficou obcecado com a possibilidade de encontrar tesouros escondidos em sua propriedade. Um dos criados, que era pouco mais de um menino na época em que o pirata frequentava esta casa, o alertou para que não desse seguimento ao plano. Antes de morrer na forca, Edgar Grant amaldiçoou todos aqueles que fossem gananciosos o bastante para procurarem seu tesouro. O conde preferiu ignorar a advertência. Quando encontrou umas das aberturas secretas foi atingido na cabeça por uma gigantesca tora de madeira que o deixou desacordado. Este foi o primeiro aviso do além enviado

Um Conde Pirata

por Edgar Grant, mas a ganância falou mais alto e o conde prosseguiu com a busca. Até o dia em que, cansado de tantos infortúnios estranhos em sua vida, ateou fogo na ala oeste dizendo que o tesouro era maldito. Teve um triste fim, o conde ganancioso.

— O que houve, Sr. Rees?

Rees parou ao lado de uma parede. Haviam chegado ao destino. Porém, antes de revelar a entrada para a sala retangular que os aguardava, ele virou o corpo para trás e ergueu a lamparina na altura do rosto.

— O conde sofreu uma queda com seu cavalo e encontrou a morte aos pés de um desfiladeiro – proferiu as palavras sinistras com um toque de morbidez na voz.

— Oh! – Foi a exclamação espantada do garoto.

Rees prosseguiu com a história. Estranhamente não se sentia culpado por atribuir tão maus atributos a um descendente de Lorde Harrington.

— Um pescador, que passava no local na hora do acidente, jurou ter visto um cavaleiro sem cabeça empurrar o conde para a morte certa. – Fez uma pausa dramática antes de acrescentar: — Um cavaleiro que usava uma faixa de seda vermelha na cintura e brandia um grande sabre em sua mão.

Rees observou os olhos arregalados de Sir Damian.

Teria ido longe demais em sua fantasiosa narrativa?

Os lábios do garoto se abriram em um sorriso eufórico, aplacando sua preocupação.

Um Conto Pirata

— Sr. Rees, esta é melhor história de pirata de todos os tempos!

Sua alegria infantil era contagiosa. Não era necessário um esforço grandioso para vê-lo sorrir. Rees tomou como missão pessoal garantir que o segundo filho de Lorde Harrington não se sentisse tão solitário e miserável como sua mãe. O protegeria e estimularia sua imaginação. Talvez desse modo aliviasse a carga de sua consciência.

Rees liberou a passagem para a sala retangular e observou a tímida exploração do garoto enquanto acendia as tochas presas à parede. Não havia muito a ser visto. Uma cadeira com estofamento puído no canto extremo esquerdo. Uma tapeçaria parcialmente destruída pendurada na parede. E um mostruário antigo de pernas finas. O menino levantou a tampa de vidro do mostrador e em seguida agachou-se, inspecionando o chão atentamente à procura de um tesouro escondido. Encontrou uma caixa de madeira encostada na parede e a abriu com expectativa. Estava vazia.

Rees se aproximou com um olhar compreensivo. Sir Damian o encarou com os lábios apertados e os ombros caídos em uma postura de derrota.

— Esperava encontrar ao menos um deles — murmurou, ecoando a esperança esvanecida.

O mordomo não precisou perguntar a que se referia. Tocou a caixa de madeira, passando as pontas dos dedos no entalhe gravado em sua tampa.

Um Conto Pirata

— Por que não começa uma coleção com seus próprios tesouros? – sugeriu.

— Não tenho tesouros – resmungou o garoto, chutando de modo inconsciente o chão de pedras abaixo de seus pés.

— Tem certeza? – Rees insistiu. – Não há nada valioso para ser guardado em seu esconderijo?

Sir Damian levantou a cabeça e o encarou surpreso.

— *Meu esconderijo?* – perguntou em um sussurro como se a ideia fosse grandiosa demais para ser verdadeira.

Rees sorriu.

— Estou certo de que Sua Senhoria não se importaria se esta sala se transformasse em seu esconderijo.

O garoto baixou os olhos para a caixa de madeira. A expressão triste retornando em seus olhos. Lorde Harrington não fizera questão alguma de conhecer o próprio filho, abandonando-o na propriedade assim como fizera com a condessa.

— Pense em um tesouro que seja digno de proteção. – Rees tentou retornar ao assunto anterior para afugentar a tristeza do menino.

Sir Damian franziu a testa pensativo. Então colocou a mão dentro da abertura da camisa e exibiu uma fina corrente prateada com um singelo diamante preso ao pingente. Rees aguardou em silêncio enquanto o jovem patrão contemplava o objeto.

Um Conto Pirata

— Era da minha mamãe — explicou, o abatimento e o abandono refletidos em sua voz. — Peguei de sua caixinha de joias sem que Tia Jane visse. — Hesitou por um instante antes de encará-lo. — Foi errado o que fiz, Sr. Rees?

Pela segunda vez no dia, Rees sentiu a incômoda umidade em seus olhos. Colocou gentilmente a mão sobre o ombro de Sir Damian e meneou a cabeça, esperando que o gesto bastasse. Não conseguiu encontrar as palavras certas para acalotá-lo. Era solidário a sua dor, mas jamais seria capaz de compreendê-la com o significado que merecia.

O garoto voltou a atenção para a caixa de madeira, retirando o colar do pescoço e o guardando com cuidado em seu interior.

— Não prefere mantê-lo com você? — Rees conseguiu perguntar apesar do nó que sentia na garganta.

Sir Damian balançou a cabeça.

— Eu o perderia. — Deu de ombros antes de continuar: — Um dia mamãe expressou a vontade de confiar seu colar aos meus cuidados, por isso o peguei. Acho que Tia Jane me perdoaria se soubesse. Mamãe disse que ficaria feliz se eu entregasse o colar a garota que se tornasse minha... *esposa*. — Seu rosto se contorceu em uma careta. — Garotas são estranhas. Não desejo me casar com uma delas, Sr. Rees. Ainda que sejam tão bonitas quanto Elise e tenham olhos da cor da relva.

Um Conto Pirata

Rees riu, divertindo-se com sua ingenuidade.

— Mudará de ideia, *sir*.

O garoto o encarou com uma expressão de desdém, certo de que estava errado. Seus dedos magros fecharam a caixa de madeira, encerrando o precioso colar.

— *Nenhuma* garota usará o colar da mamãe – disse com bastante convicção e um ciúme que era visível em sua voz.

Rees desistiu de provocá-lo. Chegaria o dia em que garotas deixariam de serem *estranhas* para se tornarem o centro de seus pensamentos e desejos.

Antes de se retirarem do lugar que viria a se transformar no esconderijo do garoto, Rees indicou as outras duas entradas disponíveis. Uma delas conduzia à sala de visitas do segundo andar, enquanto a outra alcançava a cozinha.

O sorriso espirituoso do garoto deixou clara suas intenções: usaria o túnel cavernoso para entrar nas dependências sagradas da cozinha sem ser visto.

Com um último olhar para a sala retangular, que em sua imaginação servira de esconderijo a um pirata desalmado, Rees fez uma promessa de que sempre haveria um prato de biscoitos esperando pelo jovem patrão na reentrância da parede da cozinha.

Fim

Um Conto Pirata

UM RECADO PARA O LEITOR

Quando coloquei em **Promessas de Uma Vida** a duvidosa história de um pirata, já conhecia os bastidores da criação deste conto fantástico.

Não era minha intenção trazê-lo ao mundo. Seria um pequeno segredo que somente eu, o Sr. Rees e o Damian conheceríamos.

Até o dia em que resolvi fazer um sorteio em minha fanpage onde perguntei qual era o nome do pirata. Três pessoas responderam de forma correta, mas uma delas chamou minha atenção. Ela não só respondeu corretamente como também colocou o sobrenome do pirata. Quando chamei a Mariah Rabelo no privado para pegar o seu endereço fui novamente surpreendida por sua declaração de que amara **Promessas de Uma Vida** e de que se emocionara com a história que eu havia criado. Meu livro havia tocado seu coração, de acordo com suas palavras.

Para um escritor – e hoje posso falar com propriedade sobre ser um escritor independente neste país com todas as suas alegrias e dissabores - não há nada mais recompensador nesta difícil trajetória do que ter o conhecimento de que sua criação tocou de forma tão bela seus leitores.

Um Conto Pirata

Senti a necessidade de retribuir não só a Mariah, mas todos aqueles que leram e se emocionaram com **Promessas de Uma Vida**. E o modo que encontrei foi escrevendo sobre este segredinho que existe entre o Damian e o Sr. Rees.

Espero que gostem deste singelo conto e que continuem a incentivar nossos autores nacionais. Deixe-os saber as emoções que suas obras despertam.

Quem sabe não somos inspirados a escrever novos contos e novas histórias?

Um grande abraço!

Aline Galeste